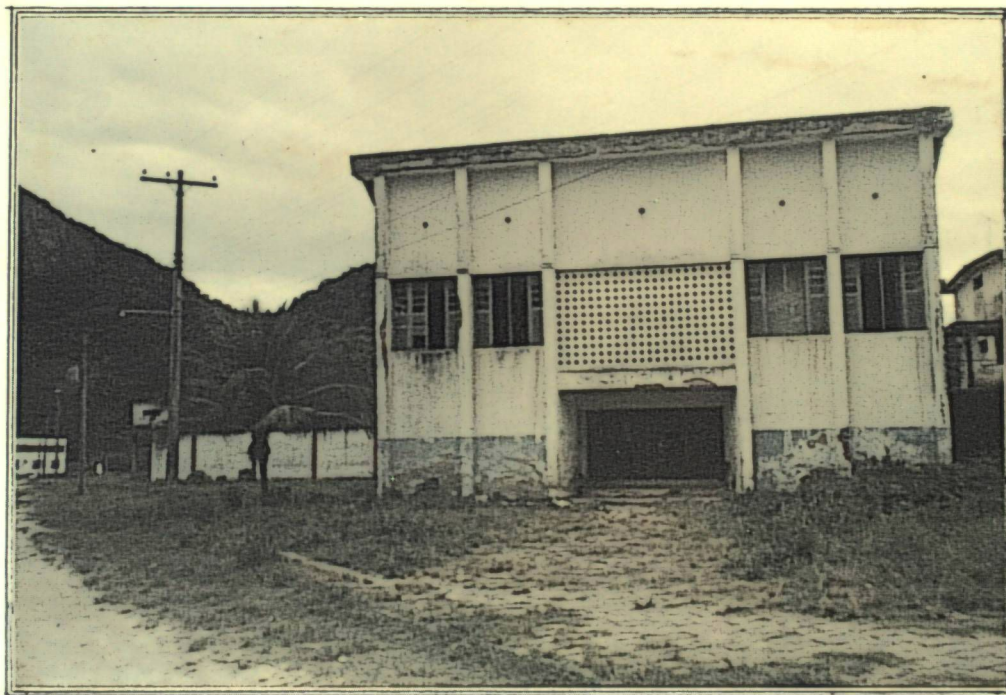


A FUGA DO CINEMA

(II Parte)

A bem dizer esta história teve início na Edição 26ª e hoje para continuar, tenho vontade de contar a segunda parte. Esta história é na verdade um fato ocorrido na Vila Dois Rios que, gerava discussões infundáveis no tempo do IPCM e mais tarde na Penitenciária Cândido Mendes - o (JSPCM).

Esta fuga que ficou conhecida como sendo a “Fuga do Cinema”, teve como protagonista principal um prisioneiro chamado Saldanha - o vulgo “Bigode” e nesta continuação de hoje repito inicialmente mais ou menos o mesmo preâmbulo, narrado naquela Edição deste jornal.



Vista frontal do prédio do antigo Cinema do Presídio

Porém, preciso dizer que depois de todo esse tempo passado não mais foi possível encontrar nos meus guardados os rascunhos de apontamentos da época. Mas suponho levemente ter sido o dia 14 de outubro de 1978 que aconteceu aquela fuga pelo cinema, e recordo de

que eram sete horas de uma manhã, cujo, o dia prometia ser ensolarado. Ainda com a aragem os Agentes Penitenciários saíram para buscar a Turma de Internos que trabalhava no Setor de Zeladoria Reparos e Instalações.

A SAÍDA DA TURMA PARA O TRABALHO NA ZELADORIA, REPAROS E INSTALAÇÕES

Naquele dia os Agentes Penitenciários da zeladoria geral que fazia a escolta dos presos, tomaram no Rancho dos Internos o café da manhã, e depois, prosseguiram o trajeto por dentro da primeira galeria "A", cruzaram mais três ou quatro portões que tinha naquele espaço da galeria de acesso ao Rancho, com objetivo de chegar ao Rool de trabalho dos Agentes das galerias. Ali naquela hora na primeira galeria cruzaram com os presos retardatários que iam chegando, ao acabar de descer as escadas das outras galerias superiores, correndo para não perder o pão amanteigado, com as suas inseparáveis canequinhas de alumínio na mão -, o Guarda do Rancho já batia no portão do "Boi". E, lá fora alguns outros internos corriam gesticulando como se fosse espantalho. Atravessaram os últimos internos e o Boi fechou, todos para o Pátio - ordenou o Agente encarregado do Rancho, Benedito Bananal, expulsando todo mundo, porque o Banho de Sol ia começar e o Futebol de Areia também.

A cambada não retardou com a canequinha de alumínio numa das mãos, bem cheia de café e o pão na outra. Correram. Gravatinha, perdido ficou lá pelo meio dos outros internos no Areão. O sol já mostrava a cara. E o Zé - José Augusto Ferreira, João Pereira, João Lucas e Pereira, este último era sempre um brincalhão engraçado, gostava de uma zombaria e de brincar com os colegas.

O João Macumba era o Inspetor de Dia, veio logo pegar a Papeleta na mão de José Augusto, vistoriou aquele papelzinho mole e bem arrumadinho, ... Éta guarda caprichoso nos seus escritos, que letra bonita! Tinha só para fazer inveja nos outros! Chama o Zé, um por um preso da turma da Zeladoria, todos pra frente, vieram, atravessaram a cortina, ou seja, o portão principal do prédio da prisão, propriamente, saindo do dito Rool da primeira Galeria. Já ficaram separados dos outros, contaram tinha treze internos, faltava um, era o Luiz - o prático

interno Luiz - Luiz Gesto Jerônimo Vieira, cujo sua matrícula era 13.712, vão, vai, pode ir andando, todos circularam a passarela bonitinhos conforme podia ver, um atrás do outro, ganharam o portão do meio, cujo, este portão se localizava debaixo da cobertura da passarela já na linha de segurança divisória ao lado da enfermaria, o Hércules abriu: pode deixar ir Zé? Pode! Já estamos atrasados. Hoje, nós vamos capinar o Areão de Grama Barbante, todo mundo já sabe desde ontem que hoje é o dia de suar a camisa no cabo da rabuda, vão todos pegando logo a ferramenta quando chegar lá no setor e saindo de fininho, para o seu local de trabalho, enquanto o sol não esquenta mais, se não vai ficar ruim -, insinuando: - "vão ter de capinar no sol quente assim mesmo".

Os internos ganharam o Pátio da frente da Administração, ali o homem parece que se vestia de alma nova, deixava para trás o peso da vida coletiva, então, formaram um grupamento composto de três filas defronte o Corpo da Guarda, um pouco afastado, conforme mandava o figurino. O Zé trouxe a papeleta de saída, entregou ao cabo Ramos, cabo Ramos viu que faltava o visto do Setor de Disciplina: Sargento Amichi, chefe do setor já estava ali mesmo de pé, firme, vibrante como de sempre assistido a saída das turmas, foi logo à mesa do cabo da Guarda deu lá um rabisco ligeiramente, se afastou e disse: chama, jovem ... Chamou o Cabo, um a um preso, pausadamente, sem tumulto algum. O Zé já havia se adiantado para chegar primeiro na Zeladoria, a tempo de preparar o que já estava quase que preparado, - um papel de anotar ferramentas, acrescentando somente o nome da ferramenta, na frente do nome de cada interno, o último a apanhar ferramenta foi o Abílio, aquele interno era sempre moleirão sem pressa. Ele com o Pelé, João e Tião Tibi formava um quarteto desinteressado em tudo, ainda tinha o Carangola, Walter, Ataíde Barbosa, seu Bahia e muitos

outros, que também jogava no time dos bons internos que não ofereciam qualquer perigo. Já mais estes internos tinham lá estas coisas de dá trabalho para guarda com vigilância. Luiz já

vinha por lá, já havia tido ido à casa do José Augusto levar as coisas que levava. Estava ali pronto para lavar as vasilhas de carregar comida, ele era o carregador de comida da Turma.

PROSAS E HÁBITOS

Agora o Zé disse aos companheiros da repartição: ficam aí! Que eu e Pereira vamos dar uma volta na turma, para ver como anda o trabalho. Saíram e foram ao Areão ver a capina e os internos trabalhando. Nesse meio tempo Costinha se aproximou e puxou papo com o João Pereira, que era um rapaz tristonho, e ao mesmo tempo satisfeito com a sorte que o destino lhe pregou, guardava para si grandes recordações de sua infância nas noites, por certo recordava as muitas vezes que dormiu no tombadilho de um barco de pesca atracado ao pequeno cais da sua enseada, vendo a orla enorme com as suas glebas iluminadas, com dezenas de casinhas que formava o povoado da sua Enseada das Estrelas. Subia pela montanha onde os cães ladravam a noite inteira, dela vinha a voz, a música, as gargalhadas dos homens e os ruídos dos barcos. As estrelas no céu gigantesco era o brinquedo de criança. Via se dali o mar por inteiro, a lua e as constelações, e todo o céu iluminado também. A saudade que guardava da infância estampava-lhe o rosto e penetrava mais fundo o peito. Naquela fisionomia estavam os barcos e as canoas das histórias de infância, os peixes que pescava e os que ficaram sob as águas com as estrelas do mar, em abundância que deu nome àquela localidade. Nesta época a Enseada das Estrelas era bem mais bonita e, todavia, bem mais calma do que a Vila Dois Rios. Lá havia com certeza hábitos diferentes nas cerimônias de famílias, cantorias de roda, muitos parentes, vendinha na beira da praia e mulheres lindas. Na Vila Dois Rios não, aqui tudo era alvoroçado e sem mistério com a luz artificial proporcionada pela usina hidroelétrica. Na Enseada das Estrelas o misterioso era a luz que vinha do céu. Além do mais, Vila Dois Rios tinha uma estrada, bem cuidada igual as da

Cidade de Angra dos Reis. Na Enseada das Estrelas o caminho era o mar e, esse era calmo e o povo era manso. Pois o caminho da Vila Dois Rios já estava há muitos anos conquistado pelas tropas. O da Enseada das Estrelas era uma eterna aventura, conquistada diariamente, toda vez, que se partia de lá. E nesses dilemas esteve, então, João Pereira nesta manhã um momento bom em frente ao Setor de Zeladoria, proseando com Costinha - o "Cuspidor". Costinha era um guarda antigão de boas maneiras que viera da Colônia Agrícola Cândido Mendes situada no Abraão, matrícula oitocentos mil, cheio de hábitos, que agora simplesmente, toma conta da seção de material, uma seção localizada no pavilhão da antiga Colônia Correccional, ou seja, localizada ali no canto, propriamente a quarta e última porta a direita olhando de frente a extensão do pavilhão. Costinha estava quase sempre disponível pela manhã ali na frente nas gostosas sombras do mangueiral, onde falava do Flamengo com recriminação, quase que sempre dizia: "Galinho de Quintino", obviamente se referindo ao Zico jogador do Flamengo que na época era um dos melhores atletas carioca. Costinha não cansava de repetir o mesmo palavreado obsceno de hábito: "toma no ..., toma no ..., toma no ...", fazendo respectivamente gestos obscenos. Tudo bem arejado, nesse meio tempo ia dando nove horas e a Turma ta suando no cabo da enxada e do ancinho, enquanto a carroça de gari trabalhava arrastando os grandes montes de grama capinada feito ela só. O interno, Marola, puxava a geringonça lá na Curva da rua perto da encruzilhada, na saída da Praça Guadalajara, próximo ao Cinema erguido na margem direita da via que ia direto ao quartel da 2ª Companhia Independente de Polícia Militar (2ªCIPM). O Lago Azul mostrava-se

a sua imponência lá no meio da Praça Guadalajara limpa quase escovada, pra lá mais bem na curva estava o Bigode, êta negro bom de enxada! Quietos, não gostava de falar, mas era sujeito homem, que não prosava à toa, tinha um farto bigode na cara, bem ajeitado, era de uma estatura mediana assemelhando algum africano descaracterizado pela miscigenação brasileira utilizada na lavoura de cacau na Bahia e mais tarde atraída para capital do país, era de canela fina e possuía a cara amarrada, que nunca andava de bermuda, estava sempre trajando calça comprida de brim, camisa de manga curta e nos pés um calçado qualquer. Tinha hábito pontual, dificilmente retardava seus compromissos, quando tinha permissão para dar uma banda num lugar qualquer como era de costume dos internos fazer nas horas vagas ali pelas áreas das casas de colonos ou sair a catar frutas na redondeza da vila e chegar sem falta no horário marcado.

Zé e Pereira vistoriaram tudo o que precisava e retornaram à repartição andando vagarosos, numa conversa gostosa. Daí a pouco juntou os três: José Augusto, Pereira e o compadre João Pereira. E aí, compadre João que gostava muito de matemática já havia entrado na Zeladoria passou a fazer as suas continhas de álgebra ou alguma coisa parecida numa folha de papel de rascunho, debruçado no balcão de

alvenaria que existia no Setor de Zeladoria com uma lajezinha polida de nata vermelha de cimento, levantou a cabeça, e então, todos que ali estavam podia ver o interno Bigode lá fora que veio conversar com o Chefe do setor: - José Augusto, perto de um pé de manga que ficava bem na direção da porta de entrada. Seria aquela uma conversa que os presos gostavam de ter com os Agentes Penitenciários nas horas de aperreio para permitir lhes resolverem alguns dos seus problemas no cárcere. Depois da conversa o interno Bigode entrou e foi até ao fundo do Setor de Zeladoria, guardou a ferramenta que trabalhava, quer dizer uma enxada, deu baixa da lista de ferramenta, e foi direto resolver o seu problema no interior da prisão. O problema que o interno acabava de alegar era uma dor, pelo que ficou entendido, tinha solução tomando alguns dos seus medicamentos que traziam guardados no cubículo na galeria onde morava e nada seria resolvido aqui fora. Por isso recebeu permissão para regressar ao interior do estabelecimento prisional. Depois o José comentou com os companheiros na repartição de serviço: que o interno Saldanha havia pedido para regressar, por motivo de uma dor que estava sentindo na barriga, e todos acharam justo, que o interno retornasse à galeria da Cadeia, porque não passava bem.

ALMOÇO, DESCANSO E A FUGA

Dez horas a comida era trazida do Rancho, mas hoje tinha futebol, então, a comida saía mais tarde um pouco. A turma da Zeladoria Reparos e Instalações, continuava trabalhando até onze horas. Preso pra lá, preso pra cá, e Polícia pra lá e pra cá ia e vinha, e com isso, deixava os Agentes Penitenciários da escolta mais tranquilos, porque, normalmente eram escoltas, também. Polícia é Polícia, se ver o interno na infração vai encima, não quer nem

saber, recolhe logo o cara ao interior da prisão. Polícia!!! Hum hum hum hum! Ta bom ...

Vai lá, que deu a hora do almoço! O futebol já estava na última partida, daquelas partidas que são aplaudidas de pé. Tudo certo, a Turma almoçava e depois descansava. Os Agentes pensaram em se refrescar um pouco para o segundo expediente que teria início às treze horas. Enquanto isso os escoltas foram dois a dois almoçar, no Refeitório dos Funcionários lá

dentro da Cadeia e passaram em casa para escovar dente e tal.

Voltaram a trabalhar na parte da tarde, sem medo e sem suspeita alguma de fuga, por mais que fizessem não terminaria hoje a capina do dito Areão de pura grama barbante, o trecho que circundava o campo de futebol e se estendia até a praia, um pouco ficaria para amanhã.

Quando a turma já estava trabalhando no segundo expediente, que teve início às treze horas. De repente surge uma ordem de José Augusto por determinação do Serviço de Segurança para recolher a turma, por que tinha "bizu cabeludo no ar". Naquele momento as equipes do futebol do Areão lá no interior da prisão, já se encontrava na tranca nas galerias e a Cadeia entrava em reboição.

CONFERE GERAL PARA CERTIFICAR A EVASÃO

Diante da anormalidade o Inspetor de Dia estava sobrecarregado de serviço e com muita gente sugerindo ao invés de simplesmente ajudar fazer o confere geral do efetivo carcerário, o ambiente ficava confuso para identificar com rapidez os evadidos e com isso o Inspetor nem sabia mais o que fazer: Soldados, Guardas, Cabos, Sargentos e Oficiais chegando a todo minuto. E o pior é que todo mundo estava curioso com o boato de fuga. Pois, acontecia que na Vila Dois Rios um boato de fuga era como se fosse uma explosão de bomba, causava um espanto geral, era gente para todos os lados e a correria era grande, com isso havia segurança vinte e quatro horas por dia. Quem faltava? Era a pergunta mais badalada. Agorinha, ninguém sabia responder-la!

Havia presos nos pátios, nas oficinas, na cozinha, na padaria e lá fora. Para todo lado havia presos espalhados trabalhando no perímetro da Prisão e até na estrada. Enfim, quase impossível fazer um confere àquela hora para apurar qualquer falta. Tinha que aguardar até o Serviço de Segurança do estabelecimento penal por as coisas em ordem, para o Inspetor de Dia poder contar certo o efetivo carcerário. Já havia um boato forte de que Gravatinha tava nesta fuga. Mas, por onde? Nenhum buraco, nenhuma corda, aparentemente tudo certo: futebol dentro da prisão, o Oficial de Dia do Quartel da Polícia Militar já tinha vindo ao Corpo da Guarda conferir com o Cabo da Guarda as saídas e as entradas das turmas.

Também batia. Nada errado, só faltava o Confere Geral, mas conferir a prisão naquela hora, era tarefa vã, não dava certo, tinha que ter habilidade e tomar nervo de aço. Os presos estavam todos ainda misturados com as portas das celas e portões das galerias abertos. Era dia de recreação geral e trabalho normal nas turmas e em todos os setores do estabelecimento.

A massa carcerária mantinha o comportamento característico desses momentos de anormalidades, que deixava transparecer o troço da alma de cada prisioneiro oriundo das quadrilhas cariocas organizadas. Como sempre reinava nestes momentos entre os prisioneiros um modo indolente, sóbrio, com forte tendência ao fatalismo, astuto, desconfiado, ágil e usando muito a acuidade dos sentidos próprio do marginal. A origem de cada prisioneiro era percebida pela fala, sua tenacidade, sua coragem, certos gestos, as vezes um pouco artístico e certas fraquezas que trazia a infelicidade do ser humano naquele meio, geralmente, constituído pela "Falange Vermelha", até então, desconhecida.

Impossível compreender agora a mentalidade dessa gente, aqui não há como levar em conta a gênese constituída pela genética. Pois ainda a pouco, eram homens cuidadosos, até certo ponto despreocupados praticando esporte ou trabalhando. Agora vemo-los preocupados, fatalistas, supersticiosos, corajosos de mais e entregues ao excesso da violência que cerca a massa carcerária.

Se não é a prática funcional dos mais antigos que domina este cenário, como podia ser? Hércules este Agente por sua vez era um funcionário bom, mas de pouca experiência para tarefa de sufoco, João Macumba como sempre, de cacete debaixo do braço, ia e vinha cá, suspeitando de tudo até da própria sombra, jurando que não adiantava ele ia descobrir tudo direitinho: tim-tim por tim-tim, desse o que desse a porca ia torcer o rabo. Mandava funcionário da turma, correr a Cadeia, procurar fulano: ... a resposta que vinha era sempre quase que a mesma:

- me parece que ... vi

- fulano falou que ... ele ...

- não sabe, mas viu indo para o Rancho àquela hora. Macumba ouvia e determinava: Ah! Então, vai lá esse menino e ver se ele está lá na cozinha ou na padaria-caldeira, por ali. Senão vem cá no médico porque ele costuma ficar ali de boqueira. Aproveita e vê bem aquele vão – a grade encima se tem algum mexido. Se não tiver, dá uma olhadinha no Necrotério: quem tiver lá! Manda logo entrar.

Hércules ia e vinha, trazia resposta: - tudo em ordem, Chefe. Ta bom! Ta bom! Vou escrever isso tudo aqui no Livro de Brochuras – dizia o inspetor. E continuava remoendo os pontos de vista truncados: Vem cá Carlinho! Você viu mesmo ele indo para o Poço de Lavar Roupas lá do Pátio – quem deixou ir? Quem deixou ir não sei! Mas ver eu vi, não tenho dúvidas! Mas sabe como é preso! Preso é preso fala que vai num lugar e não vai. De repente alguém abriu o portão para ele ir pra trás. Mas, não sei se ele veio depois para frente. Talvez tenha vindo e a gente não viu.

Tem no Auditório um buraco lá atrás do palco, ou melhor, um esconderijo: - leva a lanterna, levanta a cortina e depois olha por debaixo. Se tiver algum preso lá já trás direto pra cá. E deixa aqui na Inspetoria, que eu vou ao Corpo da Guarda conferir papeleta por papeleta, se tem ainda alguém fora que não pode ficar. Só pode ficar os Colonos Livres! Mesmo assim já estão me tocando para fazer o confere deles. Mas nem todo mundo está aí. Até três horas o

mais tardar, tenho um resultado deste confere. Você olhou direito aquele cubículo escuro? Olhei Chefe! Volta lá, ô esse menino, você mesmo e dá uma espiadinha lá outra vez. E depois me diz. Conta se tem três presos lá. Se tiver ta certo.

O Diretor ta chamando o Senhor lá – falou o Ney morador de Parati, que tinha vindo conferido a entrada de sua Turma de Jardinagem, ao passar pelo vestibulo do prédio da Administração virou porta-voz transmitindo uma ordem e confirmava: Ta ele e o Comandante da 2ª CIPM no Gabinete, trancados de porta fechada. Somente, o seu Licinho trabalha na Seção de Administração, neste momento, Walkir na Seção de Classificação e seu Jorge Ribeiro da Seção de Valores. A Seção de Segurança está vazia, saíram todos os funcionários para ir correr atrás de preso que fugiu e ainda não voltaram. Foi Cabo Gilberto que falou da fuga que ninguém sabe como é o certo, ele estava lá na janela da Companhia e viu passar abaixadinhos por rente debaixo do muro se arrastando no mato alto, ali do Esqueleto Anexo. Disse que era preso. Acha que era Gravatinha e mais uns dois. Replicou o Inspetor: Mas esse Diabo não estava aqui dentro neste instante, tava. Você não viu Taveira? Eu ... vi! Sim! Mas ... não vi! Quer dizer: ... vi tudo ... e conferi ... tudo, tava tudo certo. Há já sei era os presos daquela outra turma que costuma andar por ali, pegando o caminho que eles estão fazendo para cortar caminho de ida para o Estábulo. Os presos da Turma da Companhia, também, agora passam por ali e abre pra lá indo trabalhar. Então é ... É mentira, ninguém viu esse preso lá fora. Vocês vão ver – mensurava João Macumba na sua teoria de cadeiro velho macetado. Predizia como se fosse um vate: Em! O Gravatinha e o Bigode juntos ... tem preso na Guaxa .. Só tem! Esses dois vão dar trabalho. Vamos correr novamente tudo isso aí, e começava tudo de novo. Mandando funcionários revistar as diversas partes do estabelecimento prisional. Vem chegando Sargento Amichi e o Souza com o Brum. Vêm aí - avisou lhe Da Silva. Escalado na Circulação Principal, vindo lá do

portão, encabulado com as chaves nas mãos:

- Abre logo rapaz o portão e manda os dois entrarem. Ordenou o Inspetor de Dia!

- Chega o Sargento Amichi com aquele jeito engraçado dele falar: - Ô jovem! Ô Jovem! Ô jovem! Ô jovem! ... Você viu? Viu? Viu mesmo! Como foi? ... Respondeu um guarda: - Há a a a a a, e tentou-se explicar: - Ah Sargento!! O Cabo Gilberto disse que ele foi abaixadinho por ali andando pra lá. Agora asseverou Amichi: - Então é! Então é! Cabo Gilberto falou! E continuou falando: - Souza! Souza! Souza! Souza! Souza! Pode cercar. João, confere e bate as grades! Bate! Bate! Agora-agora! Agora! Vamos lá! Vamos lá! Vamos lá! Todo mundo! Todo mundo! Todo mundo! E, revista tudo! Tudo-tudo-tudo ... Tem-que-dá! Tem-que-dá! Dá! Dá! Dá! Certo! - Repetia Amichi, sem parar de falar, quebrando a hierarquia do Sargento Souza, chefe do Serviço de Segurança, que nada falava. Somente ouvia tirando proveito da confusão para depois tomar a sua decisão certa.

E continuou falando: é é é é é é é ...

- Souza! Souza! Souza! Pode cercar, João, confere, bate! Bate! Bate! Agora-agora! Agora! Vamos lá! Vamos lá! Vamos lá! Todo mundo! Todo mundo! Todo mundo! Revista tudo! Tudo-tudo-tudo ... Tem-que-da! Tem-que-da, dá, dá, dá, dá certo!

Cadeia em ordem e o confere começando, tudo trancado as sete chaves, era a ordem do Sargento Souza. Neste momento a Cadeia se resumia num silêncio total, presos quietos e iniciando o Confere Geral para apurar a fuga.

Num prédio de três andares o Confere começou de cima para baixo: Primeiro foi conferida a terceira galeria "A", principiando pela velha sala de música que simplesmente era chamada de "Auditório", cujo, possuía ainda as características deixadas pela antiga Colônia Agrícola do Distrito Federal - a CADF, ali estava os arranjos, os instrumentos, a decoração, o palco, o que bastava dar uma olhada rapidinha.

Agora chegara a vez de iniciar o confere da terceira galeria, ala 'B', onde constatou a falta de três prisioneiros, tratava-se de Barcelos, Alfeu e Romerito. Neste momento um Agente ia

auxiliando o Inspetor de Dia, anotando numa folha de papel a parte do Livro de Confere o nome dos faltosos, a matrícula, a galeria e a cela onde morava o preso -, tudo isso ordenava João Macumba conferindo cela por cela. Termina a terceira galeria, mais ou menos três horas da tarde.

Desceram as escadas do prédio da prisão, os Agentes, os policiais e começa conferir a segunda galeria "A", batendo aqui, batendo ali as grades das celas ..., pois era uma galeria das, de mais alta responsabilidade que se tinha no estabelecimento, depois de uns quinze minutos, resultado: Saldanha - na fita com Gravatinha e Garrichinha. Por on-de foi? Começou a trautear uma melodia - o Inspetor com estas sílabas. Se esse preso saiu hoje cedo para trabalhar, ué! Lá fora confere a sua entrada, e, foi até mais cedo, ele regressou por volta das dez horas. Regressou? E, regressou sem dúvida alguma! Alguma coisa ta acontecendo! Suspeita - João Macumba e prossegue rosnando como se fosse um cão feroz e fazia conjecturas: Se os presos tivessem ido ao campo, hoje, eu diria! Futebol no campo é outra coisa, mas, não teve nenhuma recreação lá fora. Como será ... ?! É o que vamos ver agora!

Não tem chave! Respondeu ali no meio da turma um guarda ténue mal informado. Tem! Afirmou o inspetor - João: Esta no quadro de chaves. Pega lá. Neste meio tempo Hércules desce as escadas correndo. O Inspetor foi atrás, Hércules vai ao Quadro de Chaves e pergunta, qual é a chave do cinema? E recebe de imediato uma resposta: É essa aí! Era João numa explosão de voz.

Vamos lá - disse Hércules. E, ainda recomendou-o o Inspetor: Vai por fora Hércules, que por dentro o portão esta fechado como o cadeado batido por fora no portão de dentro - o Preto de cá! Ta bem! Deixa, faço isso sem erro, já sei! Disse lhe Hércules.

O Subinspetor de Dia saiu fazendo se acompanhar outros Agentes, policiais e alguns auxiliares de repartições, deram a volta pelo Corpo da Guarda. Todo mundo, morrendo de curiosos.

RUMO AO LOCAL DA FUGA

Passaram pela Portaria de Prisão, supostamente, às três horas e meia da tarde. E, corre pela calçada de paralelepípedos esgueirando o muro na imediação do almoxarifado, passaram pelo Posto Médico, dobaram a esquina, entraram no caminho que leva ao Portão do Cinema do Presídio. Lógico, que ao chegar, o dito Portão do Cinema estava como o de sempre, fechado com o cadeado grande pendurado por fora no orifício da aldraba.

Ah não! Expressou o Subinspetor com ar de espanto e em seguida – chamou os outros companheiros: vamos lá em cima primeiro ver a cinemateca. Antes de subir os degraus das escadas gritaram o cinegrafista pelo nome: Kaliu, e torna a gritar – Kaliu, nada respondeu, estava quieto. Ué! Estranho, será que fugiu, também. Este preso não é de fuga. Deve está dormindo, depois de ficar a noite inteira de boeira nos filmes.

Hércules mete a chave no cadeado da porta, que fica na lateral esquerda de subida para os camarotes contíguos a cinemateca. Estava mole, aí subiram todo mundo correndo, pensando que o Kaliu havia evaporado, também na fuga. Que nada, não estava lá. Neste exato momento uma corda improvisada, disfarçadamente, chamava a atenção, dobrando o parapeito da tribuna, caindo parede abaixo para o interior do Cinema, olham e vêem o preso pendurado pelo pescoço dando a entender que fosse um suicídio, mas, de imediato constata-se que a veracidade era outra. A cena lembrava Tiradentes na forca, i i i i i rapaz!

Hércules já ia voltar correndo a buscar o Inspetor para ver o espetáculo, Taveira – guarda esticado e descanelado – disse logo: Não Hércules! Deixa que, vou mais rápido. – Fica aí, disse Taveira para Hércules, com medo danado do morto pendurado com a língua exposta, boca aberta e os olhos esbugalhados. Já frio roxo e duro.

Após alguns minutos chega uma patota, (a turma do interior da prisão) composta pelo Inspetor de Dia, Chefe de Segurança com o Chefe de Disciplina e o Chefe de Vigilância e muitos outros Agentes Penitenciários e Policiais Militares, formando um aglomerado na porta do Cinema do Presídio, com a vozearia de disse me disse, a procura de vestígios deixados pelo assassino. Quem foi? Ninguém sabe. Ai neste momento o local do crime foi aberto pelo Inspetor de Dia tomando as chaves das mãos de Hércules – meteu a chave no cadeado da porta grande de madeira pesada e grossa que quando abria rinchava sem vontade de abrir, a custo a brutamente formava um ângulo agudo de acesso ao interior do Salão de espetáculos do Cinema. E, nessas alturas dos acontecimentos, João já se encontrava mais do que excitado, logo o ambiente encheu de policiais e Agentes Penitenciários, um número superior ao necessário para as averiguações que o caso requeria. Kaliu continuava lá pendurado pelo pescoço e duro igual cabrito na véspera de casamento na roça, e a corda estirada parede-abaixo. O Inspetor de Dia, de imediato foi direto ao portão intermediário, que dá acesso à área de trabalho na passagem lateral entre o prédio do Cinema e a muralha do Presídio. Ali dois portões formam uma estreita passagem do interior do pátio da enfermaria do Presídio para o Cinema. Constatou-se logo, os dois cadeados michados, um em cada um desses portões, São dois cadeados grandalhões que se encontra nos seus devidos locais como se nada estivesse acontecido, estão ali simplesmente presos nas presilhas dos ferrolhos, pendurados e completamente inúteis, i i i i i, rapaz, mexeram aqui! Exclamou o Inspetor de Dia. E afirmou em seguida: Foi por aqui a Fuga desses miseráveis. Aqui deixo o meu muito obrigado aos senhores, por dispensarem os seus preciosos tempos nesta leitura. Esta história continuará numa das próximas edições.

EXPEDIENTE

O TEXTO e a ILUSTRAÇÃO – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.